

O CICLO BÁSICO NAS UNIVERSIDADES DO ESTADO DO PARANÁ VISÃO CRÍTICA E PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO

ZENITE TEREZINHA RIBAS CESAR*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo verificar e avaliar até que ponto o Ciclo Básico das Universidades do Estado do Paraná estão exercendo as funções que a legislação lhe conferiu e se estão correspondendo às expectativas da sociedade. Espera-se que seus resultados contribuam para uma tomada de posição por parte das comunidades universitárias quanto a este importante aspecto da Reforma Universitária. O trabalho é composto de algumas considerações preliminares, tratamento teórico do problema, conceituação, procedimentos metodológicos resultados, análise dos principais problemas encontrados, uma proposta de reestruturação e conclusões. A proposta de reestruturação consta de cinco partes referente especificamente a funções e objetivos, estrutura e funcionamento, conteúdo, metodologia e estratégias de acompanhamento e avaliação. Das conclusões devem ser evidenciadas as seguintes: 1) – O Ciclo Básico não foi uma idéia assumida pelas Universidade do Estado do Paraná, sendo uma inovação imposta pela legislação não envolveu as comunidades universitárias; 2) – Os docentes de modo geral estão preocupados em ensinar a “sua disciplina” não se preocupando com uma “filosofia de ensino”, com “uma filosofia da ciência” ou até com a destinação de “sua disciplina” no contexto da formação global do aluno; 3) – Reformas de ensino não se restringem as simples substituições de disciplinas nos planos curriculares. Há necessidade de reflexão para se chegar a um pacto comunitário. Nada adiantam as reformas se as bases não estão convecidas de sua validade.

1. INTRODUÇÃO

A educação é uma das mais complexas atividades da sociedade. Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, apresenta problemas sérios que requerem um grande empenho para sua solução. Dentre esses problemas, um dos que têm merecido estudo dos especialistas é o da adaptação das universidades às necessidades da sociedade.

Pode-se afirmar que a preocupação da articulação do ensino médio com o superior já constitui um problema histórico entre nós, pois suas origens são encontradas na Reforma Francisco Campos (1934).

O processo de desenvolvimento de qualquer sociedade é dinâmico e irreversível. Para se adequar a filosofia educacional às necessidades reais da sociedade, no Brasil, um grande esforço tem sido desenvolvido, por todos aqueles que estão comprometidos em encontrar soluções para problemas que atrapalham essa adequação. Tal atitude se fez mais forte a partir de 1968, com a Lei 5.540, que fixou as normas de organização e funcionamento do ensino superior brasileiro.

Os obstáculos a uma melhor articulação entre o ensino médio e o superior foram atenuados, numa tentativa de acabar com as barreiras entre os graus de ensino, com a operacionalização das idéias da aplicação de um ciclo geral de estudos, primeiro ciclo ou ciclo básico na universidade.

Com mais de 10 anos de implantação da Reforma Universitária, o problema do ajustamento progressivo do aluno às necessidades crescentes do processo educativo continua existindo, o que pode ser evidenciado, principalmente, pelas reclamações constantes dos professores universitários, quanto ao baixo nível de seus alunos. Portanto, o Ciclo Básico merece ser revisto, já que não resolveu o problema a que se propunha.

A maior parte das universidades brasileiras está procedendo à revisão de seus currículos, procurando sua adaptação à realidade em que está inserida, avaliando, repensando e reformulando seu Ciclo Básico⁽¹⁾, onde se discutem as funções desse ciclo de estudos, tais como estão definidas pelo Decreto-lei n. 464/69⁽¹⁶⁾.

No Estado do Paraná, isto também

tem acontecido em suas cinco universidades, porém, desconhece-se qualquer trabalho de pesquisa para verificar e avaliar até que ponto o Ciclo Básico está exercendo as funções que a legislação lhe delega e se está correspondendo às expectativas da sociedade ou não.

Dentro dessa problemática resolveu-se realizar este estudo, esperando que seus resultados contribuam para uma tomada de posição por parte das comunidades universitárias, quanto ao Ciclo Básico.

Na Universidade Estadual de Londrina, tem-se desenvolvido o pensamento de que as pesquisas devem ser prioritariamente voltadas para os temas mais próximos de sua realidade e um esforço tem sido feito para se conhecer e avaliar a própria instituição a fim de melhor adequá-la às suas funções. Neste sentido, algumas pesquisas já foram realizadas⁽²⁾ e a presente pode ser enquadrada nesse contexto.

2. ENFOQUE TEÓRICO DO PROBLEMA

A longa experiência docente na Universidade Estadual de Londrina (17

* Professora do Departamento de Educação. Centro de Educação, Comunicação e Artes – UEL. Doutora em Educação – Livre Docente em História da Educação.

anos) tem mostrado ao pesquisador que o aluno, em geral, encontra grande dificuldade em situar-se como pessoa, em integrar o conhecimento que adquire em sala de aula com sua experiência de vida, ficando aquele apenas em plano teórico, sem integração com sua realidade pessoal. Isto demonstra um real distanciamento entre o ensino e a vida, entre a Universidade e a realidade. Esse fato não foi apenas observado por um pesquisador e nem é próprio de uma instituição, mas já foi constatado e relatado por outros educadores, como os professores Casemiro dos Reis Filho e Joel Martins que expressaram suas observações em trabalhos específicos sobre o Ciclo Básico⁽³⁵⁾.

Concorda-se com os citados professores que tal situação pode ser decorrente do fato da universidade brasileira estar assumindo somente o papel de fornecedora de informações profissionais, seguindo a linha da universidade napoleônica. Encarrega-se apenas de reunir professores competentes e aptos para transmitir a seus alunos seus conhecimentos. Isto, sem dúvida, é uma limitação dos objetivos da universidade, que estão ligados à instrumentação profissional e não ao desenvolvimento da pessoa humana, valorizando e respeitando sua liberdade e sua dignidade. Essa limitação de objetivos faz com que o aluno não consiga situar-se como pessoa dentro da sociedade e interiorizar os conhecimentos científicos e técnicos que recebe, no sentido de se promover como ser humano.

A universidade, assim limitada, forma simplesmente o "profissional" e não o "homem profissional".

Contra essa posição, tem-se proposto "que a universidade deve manter-se permanentemente integrada na sociedade e deve valorizar a pessoa humana, respeitando sua liberdade e sua dignidade. Para conseguir isso, a Universidade precisa estar constantemente refletindo sobre os progressos da ciência e da técnica e de sua significação para o ser humano"⁽⁴⁾.

MARTINS⁽⁵⁾ afirma que compete à Universidade mostrar a seus alunos o significado de suas profissões, como meio de se tomarem indivíduos úteis, bons profissionais, participantes e agentes de mudança cultural, e sob essas diretrizes deve ser encaminhado o primeiro ciclo ou ciclo básico.

Para desempenhar esse papel, o Ciclo Básico tem três objetivos filosóficos: que o aluno se conheça a si mesmo, que ele saiba que existem outras

pessoas vivendo com ele e que ele se localize num mundo de divergências e de contrastes⁽⁶⁾.

3. CONCEITUAÇÃO DO PRIMEIRO OU CICLO BÁSICO⁽⁷⁾

Por ocasião da implantação da Reforma Universitária, várias autoridades, principalmente, membros do Conselho Federal de Educação, pronunciaram-se a respeito do Ciclo Básico, procurando uma conceituação.

O Prof. NEWTON SUCUPIRA⁽⁸⁾ caracterizou o Primeiro Ciclo ou Ciclo Básico como "estágio inicial de estudos universitários, de natureza propedêutica e pré-profissional que poderá servir de fundamento a uma plenitude de cursos afins", e que teria como funções:

"1 - A necessidade de complementar as deficiências da formação intelectual recebida na escola de segundo grau;

2 - servir de estágio intermediário e elo de articulação, dentro da universidade, entre aquela escola e os cursos superiores profissionais;

3 - proporcionar aos alunos condições para que melhor possam amadurecer sua decisão vocacional".

Para esse educador, o Ciclo Básico romperia "o círculo estéril de recriminação entre o superior e o secundário, decidindo-se a universidade, resolutamente, a assumir a responsabilidade de complementar a educação básica desses candidatos e, em seus próprios cursos, habituá-los para prosseguir estudos especializados". Dessa maneira, o Ciclo Básico seria um instrumento para sanar graves problemas como o de articular, selecionar, preparar e orientar o aluno na passagem do ensino médio para o superior, tendo como recurso a flexibilidade curricular.

O Prof. ROBERTO F. SANTOS em "A Reforma Universitária: condição atual de sua Implantação"⁽⁹⁾ declarou: "Os defensores da idéia de um primeiro ciclo de estudos em nível universitário se batem para que, ao ingressar na universidade, o estudante seja inicialmente exposto a ambiente onde as informações apreendidas não valem, essencialmente, pelas suas aplicações potenciais a uma profissão e sim como instrumentos que propiciarão maior desembaraço na utilização do método e da linguagem da ciência". Acrescenta, ainda, que ao longo do curso de graduação, o mais importante é preparar o aluno para que, no exercício de sua profissão, possa estar sempre "em

condições de atualizar-se constantemente, adquirindo e pondo em prática as noções que resultaram da rapidíssima evolução da ciência. Para equipar o estudante com instrumental intelectual desse gênero muito mais adequado é o ambiente das disciplinas básicas que o das profissionalizantes".

A Profa. NAIR FORTES ABUMERHRY, em "O Primeiro Ciclo e os Problemas de sua Implantação e Funcionamento"⁽¹⁰⁾ diz que "podemos chegar ao conceito atual do Primeiro Ciclo, como o de um instrumento de seleção destinado a assegurar a continuidade do processo educacional, através de uma forma de articulação que tem como pontos referenciais, de um lado, os conhecimentos do núcleo comum do currículo de segundo grau e a inespecificidade do currículo do primeiro ciclo no nível superior, e de outro, a possibilidade de sondagem das aptidões, que permitem situar o estudante no processo educacional". Dando continuidade ao seu pensamento, ainda afirma: "A implantação de atividades orientacionais no ensino superior não somente evita o seu empobrecimento, em termos de adaptação à validade, como propicia a continuidade do processo educativo, não apenas centrado no "saber", mas também no "ser" e no "sentir".

Fortemente influenciada pelo pensamento dessas autoridades, a implantação do Ciclo Básico nos estabelecimentos de ensino superior, seguindo a orientação expressa na legislação: Decretos-leis 53/66 e 252/67, nos Pareceres, Indicações e Resoluções do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, apresenta, segundo a análise feita pelo Prof. CASEMIRO DOS REIS FILHO⁽¹¹⁾, três conotações conceituais:

"a) estudos gerais, complementares do ensino médio, e ao mesmo tempo, propedêutica ou pré-profissionais;

b) estudos gerais fundamentais e genéricos, introdutórios de um ou de vários cursos profissionais afins;

c) estudos humanísticos de caráter educativo ou formativo introdutórios do aluno à universidade".

Desta forma, a implantação do Ciclo Básico nas escolas superiores brasileiras não seguiu uma mesma conotação e, por isso, reflete em seu funcionamento compreensões diversas.

Nas instituições que seguiram as duas primeiras conotações conceituais citadas, os Ciclos Básicos representam um prolongamento do ensino médio, num

esforço de recuperar as deficiências desse nível de ensino, na Universidade. Isto é observado através do exame de currículos, onde se encontra, além das matérias introdutórias tradicionais, a inclusão de várias outras que fazem parte do currículo do ensino médio (Português, Inglês, Física, História, etc.).

As escolas que seguiram a terceira conotação, realmente procederam uma reformulação fundamental, seguindo uma teoria de ensino superior revolucionária. Para se entender essa afirmação, basta analisar as proposições da reformulação, que são as seguintes:

1) — O ensino superior assume sua função de continuar a formação educacional do jovem;

2) — É preciso abandonar o enciclopédismo tradicional e a ilusão que o acompanha, de que quanto mais informação, mais cultura intelectual. Uma cabeça cheia não significa nada, em termos de formação humana, mesmo porque, qualquer enciclopédia tem mais conhecimento acumulado do que é capaz de armazenar qualquer cérebro humano;

3) — O importante na formação do ser humano, em nível superior, é o desenvolvimento de sua criatividade, racionalidade e espírito crítico;

4) — É ilusão supor que as insuficiências do ensino médio serão superadas pela repetição de disciplinas. Esta recuperação exige a reorganização do processo de aprendizagem;

5) — Trata-se de planejar as atividades pedagógicas de modo a possibilitar ao jovem reconstruir suas experiências, em contato com os problemas reais do existir humano, no seu grupo social e em sua época⁽¹²⁾.

O ensino superior, assim entendido, supera o estreitamento profissionalizante, vai alicerçar-se numa cultura superior fundada na prática da pesquisa e da investigação sistemática de problemas reais.

Para que isto seja alcançado, pressupõe-se a consideração da educação "como um processo de influência interpessoal (ensino), visando à produção de mudanças comportamentais no aluno (aprendizagem)⁽¹³⁾. O elemento mais importante do processo educativo, dentro da perspectiva desta consideração, é uma interação entre o professor e o aluno que venha a permitir que os dois elementos, em especial o aluno, desenvolva sua capacidade de situar-se em sua realidade, de relacionar-se com ela e de perceber como uma pessoa num processo de vir-a ser⁽¹⁴⁾.

A terceira conotação, por ser revolucionária, foi sem dúvida a de mais difícil execução, pois necessitava não só de recursos humanos treinados, condições materiais adequadas, mas, principalmente, de criar uma nova mentalidade em professores e alunos da universidade brasileira, pressuposto dos mais difíceis de ser conseguido.

É interessante analisar como as idéias sobre o Ciclo Básico evoluíram para chegar à situação atual.

De longa data vem a preocupação dos educadores brasileiros com a articulação do 2o. grau com o superior. Na legislação referente ao ensino, ela pode ser situada a partir da Reforma Francisco Campos, com a estruturação do chamado Colégio Universitário, cuja concepção, que visando a articulação do ensino secundário com o superior, não foi praticada, continuando as regras tradicionais do concurso de habilitação.

A Reforma Capanema tentou dar equivalência a todos os ramos do ensino médio, mas, para a entrada na universidade, o ponto referencial continuou sendo o curso secundário. O colégio universitário foi mantido, mas nada ajudou na procura da articulação com a universidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional deu equivalência legal aos cursos médios, mas não reformulou o concurso de habilitação. O caminho mais seguro para a entrada na universidade continuava sendo o curso secundário.

Em 1962, o Conselho Federal de Educação, com o Parecer n. 58/62 de autoria do Prof. Valmir Chagas, critica o concurso de habilitação e sugere a criação do primeiro ciclo no curso superior. Neste parecer é que se encontra a primeira sugestão concreta deste ciclo. Foi também, a partir dessa época, que o concurso de habilitação, passou a ser identificado como instrumento de seleção, de natureza classificatória.

Na evolução do pensamento pedagógico, percebe-se, também, uma favorabilidade à abolição de ciclos no segundo grau e a sua criação em nível superior. Nas faculdades de filosofia já se podia perceber a idéia de integração de estudos básicos. A concretização desta idéia podia ser vista na Universidade de Brasília.

Em 1966, o Conselho Federal de Educação, novamente, através do Prof. Valmir Chagas, pelo Parecer n. 442/66 retoma à idéia de "pesquisa e ensino

básicos concentrados em unidades que formarão um sistema comum para toda a universidade"⁽¹⁵⁾.

Os Decretos-leis ns. 53/66 e 252/67 falam de "estudos básicos" ou "ensino e pesquisas básicas".

Dentro da mesma concepção, o Decreto-lei 252/67, em seu artigo 8, diz que o ciclo de estudos comuns preceda à opção profissional, podendo-se entender ser este um ciclo com dupla função: orientadora (opção) e propedêutica (estudos básicos).

Em 1967, o Conselho Federal de Educação, pelo Parecer 48/67, salienta a necessidade de instituir-se nos cursos superiores, um "primeiro ciclo geral", com a função de:

1 — propiciar condições ao aluno para que se recupere das falhas evidenciadas pelo concurso vestibular;

2 — orientar para escolha das carreiras;

3 — proporcionar estudos básicos para os ciclos ulteriores.

O Decreto n. 62.937/63 institui o Grupo de Trabalho para efetivar a Reforma Universitária. Esse grupo construiu uma filosofia para a estruturação dos currículos dos cursos de graduação, na qual está clara a indicação de que os cursos superiores devem ter dois ciclos: o básico e o profissional.

A Lei n. 5.540/68, em seu artigo 23, registra o "Ciclo Básico", e o Decreto-lei n. 464 de 11/02/1969 dispõe claramente sobre a existência de um ciclo plurifuncional, cujas funções já estavam explicitadas no Parecer 48/67 do Conselho Federal de Educação.

Em 1969, o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras promoveu seminários para estudar a matéria. Nesses seminários, ficaram bem evidenciadas as idéias que justificaram a criação do Ciclo Básico.

Em 1971, novamente, o Conselho de Reitores voltou a estudar suas funções, dessa vez, questionando sua pertinência. Houve proposta de revisão, mas as novas idéias não foram concretizadas.

Novamente, em novembro de 1973, na reunião do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, foram feitas considerações sobre o funcionamento do Ciclo Básico e levantadas questões sobre a necessidade de formação de professores para o ensino das disciplinas básicas, e sobre a importância dos Colegiados de Curso para o funcionamento do mesmo. Nessa ocasião, vários trabalhos de avaliação do Ciclo Básico foram apresentados⁽¹⁶⁾.

Repensar todo esse histórico e analisar as dificuldades mais freqüentes encontradas na implantação do Ciclo Básico são atitudes necessárias para considerações a respeito do problema nas universidades do Paraná.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização da presente pesquisa, recorreu-se, primeiramente, a um levantamento bibliográfico que permitiu uma tomada consciente da posição teórica referente ao problema: primeiro ciclo ou Ciclo Básico na universidade brasileira.

Em seguida, foram feitas visitas à várias universidades brasileiras para conhecimento do funcionamento de seus ciclos básicos. Nessa ocasião, foram mantidos contatos pessoais com os principais responsáveis pela implantação e funcionamento desses ciclos.

A partir dessa etapa, que se considerou imprescindível para o embasamento da pesquisa, partiu-se para a confecção de um questionário que foi aplicado nas cinco universidades do Es-

tado do Paraná (anexo). Este questionário contém questões que deram possibilidade de avaliar a implantação e o desenvolvimento desse item da Reforma Universitária, na realidade paranaense.

O questionário registra dados sobre:

- implantação da Reforma Universitária;
- atenção dispensada ao Ciclo Básico, por ocasião dessa Reforma;
- Critérios e modalidades de escolha do Ciclo Básico;
- dificuldades encontradas por ocasião da implantação, funcionamento posterior e sua validade;
- critérios e razões da escolha do currículo;
- dados relativos ao Corpo Docente;
- metodologias empregadas;
- reformulações necessárias.

Para complementação das respostas, paralelamente à aplicação dos questionários, foram realizadas entrevistas com os responsáveis pelos currículos de cada instituição. Foi, também, solicitada documentação específica, como regimentos e catálogos das universidades, onde foram colhidas várias informa-

ções complementares importantes.

Da análise do resultado dessas entrevistas, das respostas dadas aos questionários e das informações contidas nos documentos oficiais, pôde-se chegar a algumas conclusões sobre a situação do Ciclo Básico, nas universidades do Estado do Paraná.

A partir das constatações fornecidas pela realidade e com as idéias formadas pela revisão de literatura referente ao problema, pôde-se chegar a uma visão crítica do Ciclo Básico, nas universidades do Estado do Paraná, e construir uma proposta de reestruturação que está apresentada na parte 6, deste trabalho.

5. RESULTADOS

5.1. Apresentação dos dados

Após a aplicação dos questionários nas universidades paranaenses, os resultados foram transpostos para um quadro resumo, a fim de facilitar sua visualização e proceder-se à análise das respostas.

QUADRO RESUMO – RESULTADOS

Questões	Respostas	Instituições				
		1	2	3	4	5
1) Em que ano foi implantada a Reforma Universitária, nesse estabelecimento?	1970	X				
	1973		X			
	1974			X		
	1976					X
	Sem resposta					
2) Na implantação da Reforma Universitária, foi dada atenção especial ao Ciclo Básico?	Sim	X		X	X	
	Não		X			X
3) Como foram procedidos os estudos para a implantação do Ciclo Básico?	Através do Corpo Administrativo	X				
	Através de uma pessoa encarregada					
	Através de Comissões formadas por docentes	X	X			X
	Através de consultoria de especialistas em administração de ensino superior			X		
	Através de pesquisa					
4) Quais as funções do Ciclo Básico, que foram mais enfatizadas na sua implantação, nesse estabelecimento?	Recuperadora			X		
	Orientadora					
	Básica	X	X		X	X
5) Como é desenvolvida a função recuperadora?	Sem resposta	X			X	X
	Não é desenvolvida		X			
	Para suprir insuficiências da formação intelectual do aluno			X		

Questões	Respostas	Instituições				
5A) Razões da omissão	Sem resposta	X		X		X
	Resistência do professorado ao sistema				X	
	Não é possível a universidade dar recuperação, porque esta teria que ser individual (até de alfabetização)		X			
6) Como é desenvolvida a função orientadora?	Sem resposta	X				X
	Não é desenvolvida		X			
	A Universidade não tem feito pesquisa e avaliação do desempenho do estudante para perceber o desenvolvimento desta função			X		
	Através de um órgão especial: CADE igual Centro de Auxílio e Orientação ao Estudante				X	
6A) Razões da omissão	Sem resposta	X		X	X	X
	Falta de professores e funcionários o que acarreta sobrecarga burocrática aos professores.		X			
7) Como é desenvolvida a função básica?	Através de centros de estudos básicos e disciplinas comuns a vários cursos	X				
	Procura dar aos alunos instrução básica geral que sirva de suporte ao Ciclo Profissionalizante Como uma oportunidade do aluno ampliar os conhecimentos básicos necessários aos Cursos Profissionais da área		X			
	Através de disciplinas formadoras do pensamento: Filosofia, Pesquisa, Metodologia da Pesquisa Científica, Expressão e Comunicação				X	
	Sem resposta					X
7A) Razões da omissão	Sem resposta	X	X	X	X	X
8) Existem outras funções que o Ciclo Básico desenvolve nesse estabelecimento?	Sim	X		X		
	Não		X		X	X
8A) Como são desenvolvidas	Através de disciplinas que dão uma visão mais ampla ao aluno					
	Sem resposta		X	X	X	X
9) O Ciclo Básico nesse estabelecimento	Único					X
	Diversificado	X	X	X		X
10) Se o ciclo Básico é único, quais as principais dificuldades encontradas em sua implantação e funcionamento?	Sem resposta	X	X	X		X
	Só na fase inicial				X	
11) Se o Ciclo Básico é diversificado, qual é o critério utilizado nessa diversificação?	Áreas de conhecimento					X
	Sem resposta				X	X
	O Ciclo Básico é comum a cada Centro da universidade			X		
	É diversificado por curso para instrução nas disciplinas básicas, em relação à profissionalização	X				
	É predominantemente comum a grupos de áreas afins		X			

Questões	Respostas	Instituições				
11A) Como está dividido?	Sem resposta	X				
	Individualizado por curso, embora fosse permitido que qualquer aluno se inscrevesse em disciplinas de qualquer curso, o que hoje se procura evitar ao máximo			X		
	1. Centro de Tecnologia e Ciências Humanas 2. Centro de Ciências Jurídicas e Sociais. 3. Centro de Ciências Exatas. 4. Centro de Ciências Biomédicas.				X	
	1. Sócio-Econômico. 2. Ciências Humanas 3. Ciências Exatas. 4. Ciências Biológicas e da Saúde.					X
11B) Quais foram as principais dificuldades para sua implantação e funcionamento?	Sem resposta			X	X	X
	Desconhecimento de: a) significação da Reforma; b) funcionamento real da nova sistemática.	X				
12) Quantos alunos frequentam atualmente, o Ciclo Básico?	Unificado					
	Diversificado mais 1.600 alunos Os alunos podem pertencer simultaneamente a ambos os ciclos (impossível esse levantamento)			X		
	Diversificado mais 1.840 alunos			X		
	Sem resposta				X	X
13) A implantação do Ciclo Básico foi feita por:	Fases				X	X
	Plenamente	X	X	X		
14) Quais as disciplinas escolhidas para fazerem parte do Ciclo Básico? No caso do ciclo comum?	Sem resposta	X	X	X		X
	Filosofia, Metodologia da Pesquisa Científica e Comunicação.				X	
14A) No caso de ciclo diversificado?	Sócio-Econômico: Português, Sociologia Economia Humanas: Língua Portuguesa, Sociologia Geral, Metodologia e Técnica de Pesquisa I. Exatas: Cálculo Diferencial e Integral I e II, Física Geral I, Geometria Analítica Biologia e da Saúde: Fundamentos de Química, Cálculo I, Biologia Celular.					X
15) Quais as razões da opção por essas disciplinas?	Sem resposta	X	X	X	X	
	Sem resposta	X	X	X		
	São disciplinas formadoras do pensamento, da pesquisa e da expressão				X	
	Maior relação com áreas do conhecimento específico.					X
16) Quem fez as escolhas?	Comissões formadas por professores				X	X
	Sem resposta	X		X		
	Professores dos departamentos		X			
17) A implantação do Ciclo Básico foi seguida de uma avaliação?	Sim				X	
	Não	X	X	X		X
18) Em caso positivo como foi feita essa avaliação?	Sem resposta	X	X	X		X
	Através da avaliação da Reforma Universitária e avaliação das disciplinas.					
					X	

Questões	Respostas	Instituições				
18A) Quais as mudanças que foram introduzidas?	Sem resposta	X	X	X		X
	Foram introduzidas disciplinas formadoras do pensamento, da pesquisa e da expressão				X	
18B) Como foram processadas?	Sem resposta	X	X	X		X
	Com pesquisa junto ao corpo discente, docente e administrativo				X	
18C) Quando foram processadas?	Sem resposta		X	X		X
	Entre 75 e 78				X	
19) Qual o critério na escolha dos professores que atuam no Ciclo Básico?	Inexistente					X
	Indicação dos departamentos				X	
	O mesmo adotado para a escolha dos demais professores.			X		
	Os próprios professores das matérias adotam disciplinas que já lecionaram		X			
	Concurso Público de títulos e provas	X				
20) Qual a formação desses professores?	Pós-graduados, preferentemente	X				
	Específica da disciplina		X			
	Sem resposta			X		
	Licenciados e profissionais				X	
	Graduados, especialistas, mestres e doutores.					X
21) Há alguma diferença nas condições de trabalho desses professores, comparadas com a dos demais professores da instituição?	Sim					
	Não	X	X	X	X	X
21A) Em caso afirmativo, quais são?	Sem resposta	X	X	X	X	X
22) Qual o principal entrave para a implantação do Ciclo Básico, nesse estabelecimento?	Definição das disciplinas					X
	Sem resposta		X	X	X	
	Não houve	X				
23) Se o ciclo Básico não foi implantado, por que isto aconteceu?	Sem resposta	X		X	X	
	Em parte, foi implantado (Ciências Humanas e Exatas).					X
	Por tradição, por não aceitação da idéia. O que se fez não foi um Ciclo Básico, mas disciplinas básicas foram estabelecidas como Ciclo Básico		X			
24) Existe algumas características na metodologia empregada do Ciclo Básico?	Sim					
	Não	X	X	X	X	X
24A) Em caso afirmativo, poderia descrevê-la?	Sem resposta	X	X	X	X	X
25) Qual a duração do Ciclo Básico, nesse estabelecimento?	1 semestre			X	X	X
	Variável		X			
	2 a 4 semestres	X				
26) O que se espera do aluno desse ciclo?	Aquisição de conhecimento básicos para prosseguir o curso					X
	Que o aluno aprenda a pensar, a pesquisar e a se comunicar				X	
	Não temos pesquisa sobre o assunto			X		
	Sem resposta		X			
	Uma fundamentação para estudos do ciclo profissional	X				

Questões	Respostas	Instituições				
27) Acha que o Ciclo Básico possui validade e deve continuar?	Sim	X			X	X
	Não			X		
	Sem resposta		X			
28) Acha que o Ciclo Básico de sua instituição necessita de uma reformulação?	Sim		X			
	Não	X		X	X	X
28A) Em caso afirmativo, qual reformulação?	Sem resposta	X		X	X	X
	É preciso praticamente quase tudo		X			
28B) Como deve ser realizada?	Sem resposta	X		X	X	X
	Como foi feito no Curso de Direito (volta ao seriado)		X			
29) Existe uma filosofia explícita que orienta o Ciclo Básico, nesse estabelecimento	Sim				X	
	Não	X		X	X	X
29A) Em caso afirmativo, poderia descrevê-la ou indicar os documentos onde possamos encontrá-lo?	Sem resposta	X	X	X	X	X
30) Outras observações, se as julgar necessárias.	Sem resposta	X		X	X	X
	A Reforma foi imposta de cima à nossa Universidade, que resistiu até o último e continua resistindo. A reforma não levou em conta a realidade brasileira, não funciona porque não pode funcionar e também porque a nova estrutura é inadequada.			X		

5.2. Análise dos dados

As respostas fornecidas aos vários quesitos apresentadas no questionário necessitam ser analisadas para se poder chegar a conclusões que possam orientar a proposta apresentada neste trabalho.

As respostas dadas à primeira questão, verificou-se que todas as universidades pesquisadas encontram-se dentro dos moldes da Reforma Universitária. Verificou-se também que já possuem alguma experiência e que algumas já estruturaram o currículo inicial e continuam desenvolvendo estudos curriculares, no sentido de melhor se adaptarem à sua própria realidade.

Quanto à segunda questão, que procurou indagar sobre a atenção dada ao Ciclo Básico, chegou-se à conclusão, após a análise das respostas dos questionários e das entrevistas realizadas, que o Ciclo Básico foi objeto de atenção especial em apenas 3 das 5 instituições pesquisadas. As duas instituições que não lhe dispensaram cuidado ou atenção especial, apenas fizeram

constar em seus currículos, algumas disciplinas que formariam um Ciclo Básico, para dar cumprimento à legislação e dessa maneira obterem a aprovação do Conselho Federal de Educação. Principalmente pelas informações obtidas através das entrevistas, pôde-se perceber que tais instituições, até hoje, não estão convencidas da validade dos estudos que devem fazer parte desse ciclo, funcionando este apenas como um apêndice dos currículos tradicionais e não exercendo suas funções.

Quanto aos questionamentos referentes à implantação do Ciclo Básico (3a. questão), onde se procurou saber como foram procedidos os estudos para sua implantação, verificou-se que tais estudos foram realizados por comissões formadas com professores dos vários departamentos das instituições. Isto evidenciou a integração dos departamentos e, portanto, das bases da universidade, em torno do problema (pelo menos nessa época é o que as respostas evidenciam). Apenas uma instituição formou uma comissão de especialistas em administração de ensino

superior e não declarou se essa comissão era de professores da própria instituição ou de fora de seus quadros.

Nas respostas a quarta questão, referente às funções do Ciclo Básico, à época de sua implantação, verificou-se uma grande preocupação com a função embasadora do referido ciclo. Uma das instituições enfatizou primeiramente a função recuperadora, mas com o desenvolvimento da escola passou a dar maior importância à função básica, a exemplo dos outros estabelecimentos. Nenhuma das instituições deu ênfase especial à função orientadora. Através das entrevistas, pôde-se perceber que a implantação desta função, no primeiro ciclo, é considerada por todas as instituições muito difícil, sendo mesmo classificada de utópica. As pessoas entrevistadas afirmaram que suas instituições não apresentam condições mínimas para desenvolver esta função, mas consideram-na muito importante.

As questões numeradas de 5 a 8 correspondem a perguntas específicas sobre o desenvolvimento de cada

função, isto é, como a função é desenvolvida e no caso disso não acontecer qual a razão ou as razões desse procedimento.

Quanto à função recuperadora, apenas uma instituição respondeu que a desenvolve. As razões citadas para o não desenvolvimento da função prendem-se a grande faticidade de recuperar o aluno das deficiências do ensino de 2o. grau, afirmando que este teria que ser um trabalho de foro individual. Uma das instituições, além de apontar outras dificuldades, respondeu que encontra muita resistência por parte dos professores em aceitarem trabalhar em um serviço de recuperação na Universidade.

Quanto à função orientadora, houve uma mudança de atitude da época da implantação até à época da aplicação dos questionários. Duas instituições não responderam, uma declarou que a função não é desenvolvida e duas declararam que exercem essa função, através de um órgão especial de assistência ao aluno.

É interessante notar que as duas instituições que declararam exercer a função orientadora, e que a desenvolvem através de um órgão especial de assistência ao aluno, são as instituições menores, isto é, as que contam com um menor número de alunos. Isto evidencia que quanto menor a instituição, mais cuidado dispensa ao aluno, podendo até dar atendimento individual, o que foi considerado utópico em outra parte da pesquisa.

Quanto ao desenvolvimento da função básica, as respostas dadas foram as seguintes: através de disciplinas comuns à vários cursos (uma resposta); através de conhecimentos básicos aos cursos profissionais da mesma área (duas respostas); através de disciplinas formadoras do pensamento, da pesquisa e da expressão (uma resposta); sem resposta (uma). Quanto aos fatores da omissão, nenhuma resposta foi dada.

A oitava pergunta se destinava a verificar se outras funções eram desenvolvidas pelo Ciclo Básico, no estabelecimento. Duas instituições responderam positivamente e que esta função visa:

- 1) — propiciar elementos de cultura geral à luz dos princípios cristãos;
- 2) — ministrar disciplinas que dêem uma visão mais ampla ao aluno.

Quando foram indagados nas entrevistas sobre maiores detalhes dessa função, uma das instituições declarou que,

sendo uma escola de orientação cristã, achou por bem ministrarr, no Ciclo Básico, elementos que introduzissem o educando na doutrina cristã e que o orientassem a levar uma vida baseada nos princípios dessa doutrina. A outra instituição declarou que foi encontrada uma necessidade de ministrar, ao educando, disciplinas que o situassem melhor no mundo, fazendo primeiramente com que conhecesse a realidade que o cerca.

As questões numeradas de 9 a 11 referem-se ao tipo de Ciclo Básico, isto é, se é único ou diversificado; quais as principais dificuldades encontradas na sua implantação e funcionamento e quais foram os critérios usados na escolha de um tipo ou de outro. A grande maioria das instituições declarou que possui Ciclo Básico diversificado, apenas uma possui o Ciclo unificado. Quanto aos critérios utilizados nessa diversificação, foram apontados os seguintes: por grupos de cursos afins (uma resposta); por áreas de conhecimento (duas respostas); por curso (uma resposta), sem resposta (uma).

As principais dificuldades apontadas foram a falta de recursos humanos e físicos e grande desconhecimento da Reforma Universitária, do seu funcionamento e da sua sistemática, por parte dos professores.

A décima segunda questão indagava sobre o número de alunos que frequentam o primeiro ciclo. Nenhuma instituição teve condições de responder à indagação, declarando que não é possível fazer esse levantamento, porque os alunos frequentam simultaneamente os dois Ciclos.

A de n. 13 perguntava se a implantação do Ciclo Básico foi feita por fases ou plenamente, ao que duas instituições responderam que foi feita por fases e as demais que o implantavam plenamente.

Quanto à indagação de quais disciplinas foram escolhidas para fazerem parte do Ciclo Básico, das razões dessa opção e quais foram as responsáveis pelas escolhas (questões ns. 14, 15 e 16), quatro instituições declararam que não podiam responder às questões, porque as disciplinas dependem da área de conhecimento a que o aluno pertence e que os responsáveis pelas escolhas foram comissões formadas com professores de diversos departamentos. A instituição, cujo Ciclo Básico é único respondeu que as disciplinas são Filosofia, Metodologia da Pesquisa Científica e Comunicação. A razão da opção por essas disciplinas foi que são as que apresentam maior relação com as áreas do conhecimento de cada curso e que a sua escolha foi feita por uma comissão composta de professores dos vários departamentos.

As duas questões seguintes (17 e 18) referem-se à avaliação do Ciclo Básico e apenas uma instituição afirmou ter procedido a uma avaliação, e que esta foi realizada através dos resultados das provas dos alunos e com debates entre o corpo administrativo e docente. A época dessa avaliação foi entre 1975 e 1978.

As indagações referentes aos professores estão contidas nas questões 19, 20 e 21. Quanto ao critério de escolha dos mesmos para atuarem nesse ciclo, todas as instituições responderam que é o mesmo usado para a escolha dos professores de qualquer ciclo e que sempre consiste na indicação feita pelos departamentos. A formação também não difere da dos demais, exige-se apenas formação específica na disciplina. As condições de trabalho também são as mesmas.

A vigésima segunda questão indaga sobre as dificuldades da implantação. Três instituições não responderam, uma declarou que não encontrou dificuldades e uma declarou que a maior dificuldade foi a definição de disciplinas.

A questão seguinte indaga sobre as razões da não implantação do Ciclo Básico, se é que tal aconteceu. Coincidentemente com as respostas anteriores apenas uma instituição declarou que o ciclo não foi implantado e a causa foi a tradição.

Com o pensamento de que o Ciclo Básico deve ser tratado de maneira especial, para ter condições de alcançar os objetivos colocados na legislação; foi elaborada a questão 24, indagando se existe alguma característica própria na metodologia empregada. A esta questão todas as instituições responderam negativamente. Isto leva à conclusão de que essas escolas não concordam que o aluno do Ciclo Básico deva ser tratado de maneira especial, ou com outras palavras, com mais cuidado, para poder chegar aos objetivos que se lhes propõem.

A vigésima sexta questão liga-se ao pensamento expresso na anterior, quando pergunta o que se espera do aluno desse ciclo. As expectativas das instituições estão relacionadas apenas com a aquisição de conhecimentos básicos,

sendo que duas não deram respostas.

Foi também indagado sobre a duração do Ciclo Básico, ao que três instituições responderam ser de um semestre, isto é, o mínimo exigido. As outras responderam que é variável, dependendo do curso.

Quanto à validade do ciclo, indagou-se se ele deve ou não continuar e por quê. (27 questões). Nesta indagação, três instituições responderam que acham válido e que deve continuar, porque dá as linhas básicas para a continuidade dos estudos e que há necessidade de adaptar o aluno à vida universitária e ao pensamento científico.

A questão seguinte pergunta da necessidade de uma reformulação e como deve ser ela realizada. A essa questão, quatro instituições responderam sim, mas nenhuma declarou como ela deve ser feita.

A vigésima nona questão teve como finalidade saber se existe uma filosofia explícita, que oriente este ciclo no estabelecimento, e qual seria essa filosofia. Apenas uma instituição respondeu que sim e que a mesma encontra-se expressa no Regimento. As demais responderam negativamente.

Finalmente, reservou-se um item para que se fizessem, livremente, observações julgadas necessárias para melhor esclarecer o problema estudado. Apenas uma instituição fez observações, respondendo que a Reforma Universitária não funciona, porque foi imposta.

5.3. Interpretação dos resultados

A análise dos dados colhidos, através do questionário aplicado e das entrevistas realizadas, comparada com a análise teórica feita na revisão da literatura, fornece parâmetros para a interpretação da realidade dos Ciclos Básicos das universidades do Paraná.

A primeira constatação a que se chega é que as cinco universidades paranaenses estão estruturadas de acordo com os ditames da Reforma Universitária, mas que não se encontram satisfeitas com seus resultados, não envidando esforços para melhor se adaptarem às suas realidades específicas.

A implantação do Ciclo Básico foi realizada mais por força do cumprimento da lei do que resultado de reflexões amadurecidas sobre o problema, em cada instituição.

Quanto às funções do Ciclo Básico, constatou-se que sempre houve uma preocupação grande com o estabelecimento de condições que dessem oportu-

nidade para ser desenvolvida a função embaixadora. Esta deve ser a razão na denominação desta parte da estrutura dos cursos de graduação, quando se percebe a nítida tendência de denominá-la de Ciclo Básico ao invés de Primeiro Ciclo.

Por ocasião da implantação da Reforma Universitária, a função recuperadora, também, foi objeto de preocupação, mas, com a evolução dos cursos, chegou-se à conclusão de que a universidade não tem condições e não é seu objetivo recuperar deficiências oriundas do Ensino de segundo grau, deixando assim prejudicada essa função.

A função orientadora foi considerada muito complexa e difícil de ser implantada, só tendo atenção especial depois de determinado amadurecimento da implantação da Reforma Universitária, assim mesmo nas instituições de menor porte, que prestam assistência individual aos alunos.

Essa distinção de funções não está de acordo com o pensamento dos proponentes da Reforma Universitária, que consideravam importante a integração das três funções⁽¹⁷⁾.

Na organização curricular, adotaram critérios e procedimentos diversos que dificilmente levam a uma unificação dos estudos por áreas.

Quanto à organização funcional do Ciclo Básico, pôde-se constatar que isto não está bem definido, porque nenhuma das instituições sabe exatamente o número de alunos que estão cursando que cada uma considera Ciclo Básico. Também, não conseguiram citar os critérios que foram usados para a escolha das disciplinas.

Quanto à avaliação deste ciclo, a maioria ainda não a realizou de forma explícita.

Não foi citada por nenhuma Instituição a existência de uma coordenadoria do Ciclo Básico.

Ainda sob o aspecto da organização funcional, percebe-se que o corpo docente não foi escolhido tendo em vista elementos capazes de "exercer as funções de síntese e integração dos conhecimentos, bem como despertar e desenvolver habilidades e atitudes relacionadas ao futuro desempenho profissional"⁽¹⁸⁾. Consequentemente, a parte metodológica fica prejudicada e nenhuma das instituições pesquisadas emprega alguma metodologia especial neste ciclo.

Quanto à duração, que deveria ser sempre proporcional à duração total do curso, varia de instituição, sem definição de critérios convincentes. O úni-

co critério apontado foi que o tempo exigido deve ser o mínimo possível. Essa atitude parece demonstrar o pensamento de que cursar as disciplinas do Ciclo Básico "é perda de tempo". Mas, contraditoriamente a esta conclusão, quando se indagou sobre a validade do Ciclo Básico, a maioria das instituições respondeu que o considera válido para adaptar o aluno à vida universitária e ao pensamento científico. Porém, constatou-se a necessidade de uma reformulação.

Não existe nenhuma filosofia explícita que oriente o Ciclo Básico nas universidades paranaenses. Pelos estudos desenvolvidos, comparando-se os dados obtidos com a classificação conceitual de Ciclo Básico, proposta pelo Prof. REIS FILHO⁽¹⁹⁾, enquadraram-se as Universidades do Paraná dentro das duas primeiras conotações conceituais, para as quais os Ciclos Básicos representam um prolongamento do ensino médio, não adotando nenhuma teoria de ensino superior revolucionária.

6. PRINCIPAIS PROBLEMAS ENCONTRADOS

Feita a análise dos dados e sua interpretação podem-se apontar os problemas mais graves encontrados das instituições e que atrapalham o bom desenvolvimento do Ciclo Básico.

Destes, a falta de uma definição clara dos objetivos do Ciclo Básico, em cada instituição, parece ser o mais sério. Há, realmente, necessidade de que tais objetivos sejam definidos e explícitos, para se poder optar por uma determinada orientação filosófica e implementar uma política educacional coerente e uma prática pedagógica que alcance as expectativas do Ciclo Básico.

O corpo docente das instituições, com sua atitude tradicionalista, contrária, portanto, a mudanças, ou com tendências acentuadamente pragmáticas, não recebeu bem a idéia do Ciclo Básico e tende a valorizar o ciclo profissionalizante, em detrimento do primeiro. Por isso mesmo, concede às disciplinas que fazem parte de seu currículo, menor número de horas, dando-lhe também uma interpretação simplista que acha que o curso superior aumenta de complexidade nas suas etapas finais, destinando assim os professores mais inexperientes para o Ciclo Básico.

Pelo lado dos alunos, percebe-se que o estudante é essencialmente imediato. Nas palavras de DOM SE-

RAFIM⁽²⁰⁾: "Ele quer fazer imediatamente aquilo que é chegada e não aquilo que é partida. Ele pensa mais na profissão, ganho e mercado, no status que esta mesma profissão dá, ao invés de colocar a profissão como um complemento de sentido geral da vida".

Esta atitude é percebida claramente nos alunos das áreas de Saúde e de Tecnologia, quando declaram que sentem estar perdendo tempo quando estudam as matérias humanísticas e filosóficas, que querem e gostam mais de estudar matérias de sua opção profissional.

A estrutura de algumas universidades dificulta a articulação do Ciclo Básico com o Ciclo Profissionalizante, quando criam Centros de Estudos Básicos e Centro de Estudos Profissionais, estabelecendo um hiato entre eles.

Encontram-se obstáculos de ordem administrativa para a criação de uma Coordenação do Ciclo Básico que possa trabalhar produtivamente com os colegiados de Cursos.

7. PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO

Tendo em vista os resultados evidenciados nos questionários, nas entrevistas e na análise da documentação oficial das universidades; a opinião de colegas gabaritados, a experiência de outras instituições similares no Brasil, as discussões com alunos e professores, além de observações e reflexões próprias; deseja-se, no final deste trabalho, apresentar uma proposta para a reestruturação do Ciclo Básico, diante da realidade constatada, tendo por base pressupostos do referido ciclo fornecidos pela revisão bibliográfica e pelos problemas evidenciados nas instituições pesquisadas.

A proposta consta de 5 partes, referentes especificamente à: funções e objetivos, estrutura e funcionamento, conteúdo, metodologia e estratégias de acompanhamento e avaliação.

Em primeiro lugar, o Ciclo Básico deve ser repensado pelos responsáveis por seu funcionamento, tendo em vista a idéia explícita e clara do tipo de profissional que a instituição pretende formar. Para isso é fundamental que todos dessa equipe conheçam os documentos básicos das instituições, nos quais se encontram as suas diretrizes filosóficas.

De acordo com essas diretrizes e com a realidade constatada, a função do Ciclo Básico deve ser primeiramente

a de adaptação à vida universitária. Neste período, devem ser oferecidas ao aluno possibilidades de uma revisão vocacional, acompanhada de um questionamento sobre o próprio sentido da vida. Isto só pode ser alcançado se a universidade se propuser a oferecer o melhor, no sentido filosófico, no sentido de ambiente, no sentido de professores e no sentido de equipamentos.

Na ocasião do planejamento, em que se traça o perfil do profissional que se deseja formar, é preciso que se faça a opção e que se declare explicitamente se a instituição deseja formar um "profissional competente" ou "profissional consciente" dos problemas em que mergulha a sociedade. Em outras palavras, pergunta-se se a universidade deseja formar um "técnico simplesmente treinado" ou o "profissional criativo", capaz de contribuir para a transformação da sociedade⁽²¹⁾.

O Ciclo Básico deve apresentar-se como um momento inicial do processo de formação do aluno, para isso tem que oferecer, para cada aluno, oportunidades de desenvolvimento das atitudes fundamentais de ser responsável, ser crítico, ser ativo, ser aberto ao diálogo e ser adaptado ao trabalho intelectual. Isto vem a ser a oportunidade do desenvolvimento de um verdadeiro espírito universitário, sendo este muito mais um processo de formação do ser humano do que apenas de informação.

Sabemos que essa não é uma tarefa simples e fácil, para ser realizada ela necessita de um trabalho longo e persistente junto ao corpo docente e discente, que se mostram, às vezes, excessivamente tradicionalistas, e em outras, excessivamente pragmatistas⁽²²⁾.

Esta proposta implica mudanças estruturais para seu funcionamento, a fim de que o Ciclo Básico não continue a ser um apêndice que se colou aos tradicionais currículos dos cursos de graduação, como ficou evidenciado pelo levantamento feito através dos questionários e entrevistas. No momento da implantação da Reforma Universitária, os Ciclos Básicos não foram estruturados à luz de uma teoria e nem se definiu o que se deveria entender por Básico. Foi uma idéia implantada, por força da lei, e sem infra-estrutura, portanto, sem condições de vingar. Viu-se que nas instituições pesquisadas não se possibilitou uma integração entre as disciplinas básicas e as profissionalizantes, pela inexistência de mecanismos administrativos adequados.

Concordamos com as idéias da professora ABUL MERHYL⁽²³⁾ quando afirma que a natureza deste Ciclo é plurifuncional e que há necessidade da existência de um órgão próprio, a nível central, para a articulação de seus estudos. Como os colegiados de cursos encontram-se com suas funções esvaziadas, não atendendo mais ao que dispõe o art. 20., item IV do Decreto-lei n. 53, de 18.11.1966, deve existir uma Coordenadoria do Ciclo Básico, composta de tantos professores quanto sejam as unidades didáticas e sob a presidência de seus membros. Esta coordenadoria deve manter íntima relação com o Conselho Superior de Ensino e Pesquisa, que é o órgão de supervisão das atividades universitárias, e terá como funções:

- 1 — Projetar o currículo do Ciclo Básico;
- 2 — Acompanhar o seu desenvolvimento;
- 3 — Rever os programas elaborados pelos departamentos responsáveis pelas disciplinas;
- 4 — Avaliar a eficácia do curso;
- 5 — Sugerir medidas para seu aperfeiçoamento.

Esta coordenadoria deve ter como função principal a promoção da centralização dos mecanismos didático-científicos e técnico-administrativos da Universidade, capaz de evitar ou impedir a duplicação de meios para fins idênticos.

Outra função desta coordenadoria deve ser a de promover a articulação dos estudos básicos com os estudos profissionais, através dos Colegiados de Cursos. Para isto é necessário que se criem mecanismos administrativos que possibilitem o diálogo entre os membros da comunidade universitária, principalmente entre os que se ocupam das ciências básicas e das aplicadas.

Se a coordenadoria arcar com todas estas responsabilidades, seus membros devem ter sempre em mente o que declara a Professora JURACY MARGUES⁽²⁴⁾ quanto ao conteúdo do ensino: "O que se considera importante de ser ensinado guarda íntima relação com os objetivos educacionais, com a filosofia de ensino, com a metodologia a ser empregada, com as situações de ensino, a aprendizagem a serem propostas, com a sistemática de avaliação, seus critérios e seu significado para a aprendizagem. Não é indiferente que se ensine, isto ou aquilo".

Assim os currículos do Ciclo Básico

devem merecer um cuidado especial e oferecer ao estudante, ao lado de algumas matérias básicas da profissão, uma grande carga horária de cultura humanística, filosófica e cultural. De acordo com este pensamento, independentemente da área de conhecimento, deve-se inserir no Ciclo Básico a disciplina de Iniciação Filosófica.

A Metodologia de Ensino deve ser consequência da concepção do projeto educacional que, por sua vez, depende de uma filosofia de ensino explícita.

O ensino deve ser planejado, tendo em vista esse quadro teórico e o traço do perfil do profissional que a instituição pretender formar.

O Ciclo Básico exige, pois, um corpo docente de alta qualificação, "capaz de exercer funções de síntese e integração dos conhecimentos, bem como despertar e desempenhar habilidades e atitudes relacionadas ao futuro desempenho profissional"(25).

Sobre este ponto, também, se pronunciou o Prof. EDSON MACHADO(26) declarando "...O primeiro ciclo faz apelo aos mais qualificados docentes da Universidade. Só quem sabe o melhor e de maneira mais sistemática e compreensiva, está capacitado a estimular melhor a aprendizagem"..."

Mas, para que se consigam os resultados desejados no Ciclo Básico, além da preparação científica e pedagógica do Corpo Docente, são necessárias outras estratégias como: redução de número de alunos por turma, maior assistência ao trabalho docente, mediante a aplicação das monitorias acadêmicas, e experimentação de novas metodologias pedagógicas com apoio de equipes especializadas.

Se se aceitar que o Ciclo Básico exerce influência profunda na formação

do estudante universitário, fazendo com que ele adquira autonomia intelectual e se situe conscientemente frente à profissão escolhida, é necessário que seja constantemente avaliado e tenha tempo e possibilidade para frequentar o Serviço de Orientação e Aconselhamento que a Instituição deve lhe oferecer. No dizer da Profa. ABUL MERHYL(27) que "seja encarado individualmente e, como tal, atendido, recuperado e bem orientado".

Como vimos, através dos dados fornecidos pelos questionários e entrevistas, as universidades têm grande dificuldade em manter um Serviço de Orientação e Aconselhamento para o estudante, mas sua importância é de tal amplitude que se pode afirmar que sem seu apoio os objetivos do Ciclo Básico ficam seriamente comprometidos. Isto porque outras pesquisas(28) já evidenciaram que os alunos, ao prestarem o vestibular, ainda não sabem por si mesmos (não se posicionam conscientemente e criticamente) por que escolheram determinado curso.

Mas, a avaliação não deve estar restrita ao âmbito do aluno. O Ciclo Básico como um todo deve ser constantemente avaliado com o "propósito de crítica e reflexão na busca de melhoria pessoal e institucional, de verificação de quanto e como e com que reais resultados os objetivos estão sendo alcançados"(29). Uma Avaliação contínua deve ser implantada, pois só a experiência poderá trazer os elementos de retro-alimentação, indispensáveis à definição de novas estratégias.

A avaliação do Ciclo Básico no âmbito do aluno vai mostrar suas insuficiências e possibilitar um diagnóstico

das insuficiências do 2o. grau. Essa é uma das formas da Universidade concorrer para a melhoria desse grau de ensino e ir se desobrigando de fazer a separação de tais insuficiências. No âmbito do curso, como um todo, a avaliação terá também como objetivo fazer a revisão anual dos conteúdos programáticos, tendo em vista o desenvolvimento sócio-educacional do País.

8 – CONCLUSÕES

O Ciclo Básico foi idealizado pelos promotores da Reforma Universitária como capaz de acabar com o hiato entre o ensino de 2o. grau e o ensino superior. Mas, foi uma idéia não assumida pelas Universidades, em especial pelas universidades do Estado do Paraná. Foi uma inovação que não envolveu as comunidades universitárias, nasceu pela força de uma imposição legal e não da convicção de que essa mudança era necessária.

Verifica-se, ainda, em nossas Universidades, que os professores, em geral, estão preocupados em ensinar a "sua disciplina", poucos são os que se preocupam com uma "filosofia de ensino", com "uma filosofia da ciência" ou até com a destinação de "sua disciplina" no contexto da formação global do aluno.

A mudança na universidade deve ser lenta e consciente. A reflexão é que conduz ao aceite. Por isso, é importante parar para pensar. Chegar-se a um pacto comunitário demanda tempo, mas a demora é preferível porque de nada adiantam as reformas se as bases não estão convencidas de sua validade.

Reformas de ensino não se restringem a simples substituição de disciplinas nos planos curriculares.

ABSTRACT

The objectives of this present work are to evaluate to what point the Basic Curriculum of the State Universities of Paraná exercise the functions that were conferred by the legislature, and do these functions correspond to the expectation of society. Hopefully, these conclusions will contribute toward the university community being able to take a position which addresses important aspects of University reform. The research is composed of some preliminary considerations, a theoretical treatment of the problem, formulation of a conceptual framework, resulting methodology, analysis of the different problems encountered, a proposal for restructuring, and conclusions. The restructuring proposal consists of five parts referent to the functions and objectives, structure and function, content, methodology, and strategies for follow up and evaluation. Among the outstanding conclusions are the following: 1) – The Basic Curriculum was not an idea assumed by the State Universities of Paraná, but an innovation imposed by the legislation and did not involve the university community. 2) – The professors in general are preoccupied with teaching their subject and not with any philosophy of teaching, philosophy of science, or even with how their subject fits into the general pattern of the student's education. 3) – Teaching reforms should not be limited to the simple substitution of one subject for another. Deeper thought needs to be given to arrive at a general agreement. No reform is worthwhile unless the community is convinced that its bases has validity.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais ao Prof. Gil Mário de Macedo Grassi, Coordenador da C.P.G./U.E.L., pelo cavalheirismo e atenção dispensados durante todo o desenvolvimento do projeto do qual resultou o presente trabalho.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. *Implantação e funcionamento do primeiro ciclo no primeiro semestre de 1972*. Belo Horizonte, 1972.
- LACERDA, R.M. de, et alii. O Ciclo Básico. In: CICLO BÁSICO, 1, Florianópolis, 1971. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1971.
2. A Universidade Estadual de Londrina já conta com algumas pesquisas de caráter institucional, dentre estas podem ser citadas:
 - UNIVERSIDADE ESTADUAL LONDRINA. Assessoria de Planejamento e Controle. *Plano de ação da UEL*. Londrina, 1979.
 - CESAR, Z.T.R. et alii. Caracterização da filosofia educacional do corpo docente da FUEL. *Semina*, Londrina, 3(9):49-61, set/dez 1981.
 - SANTO, A. do E. A tese de doutoramento. *Semina*, Londrina, 2(5):37-42, 1980.
3. REIS FILHO, C. dos, et alii. *Projetos de ciclo básico da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo, PUC-SP, 1971.
4. ABREU, M.C.T.A. *O papel de professores das disciplinas comuns do primeiro ciclo de ciências humanas e educação da PUC-SP, na concepção deles mesmos*. São Paulo, 1975. Tese (Mestr.) PUC-SP.
5. MARTINS, J. *O planejamento curricular aplicado à reforma da PUC-SP*. *Revista da Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, 41(79/80) 219-48, jul/dez. 1971.
6. ARAÚJO, S.F. de. Avaliação dos ciclos básicos. In: SEMINÁRIO DE ASSUNTOS UNIVERSITÁRIOS, 9, Brasília, 4-5 maio 1970. p. 50.
7. Neste trabalho a expressão Ciclo Básico é usado como sinônimo de Primeiro Ciclo.
8. SUCUPIRA, N. O ciclo básico: sua natureza e problemas de sua organização. In: O CICLO BÁSICO (1o. ciclo geral de estudos). Rio de Janeiro, Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 1969. p. 5-9.
9. SANTOS, R.F. A reforma universitária. *Revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, 43(85/86):3-20, jan. 1973.
10. ABUL MERHIL, N.F. O primeiro ciclo e os problemas de sua implantação e funcionamento. In: SEMINÁRIO DE ASSUNTOS UNIVERSITÁRIOS, 9, Brasília, 4-5 maio 1970. p. 25.
11. REIS FILHOS, C. dos Reforma universitária e o ciclo básico: modelo viável. In: ———, *Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento*. São Paulo, MacGraw-Hill do Brasil, 1976. p. 207.
12. Id. *ibid.*, p. 207-8.
13. GOLDEBERG, M.A.A. Avaliação e planejamento educacional: problemas conceituais e metodológicos. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, (7):63, jun. 1973.
14. MASETTO, M.T. *A relação professor-aluno na proposta educacional do primeiro ciclo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para as áreas de ciências humanas e educação*. São Paulo, 1975. Tese (Mestr.) PUC-SP.
15. BRASIL CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer n. 442/66. *Documenta*, Rio de Janeiro, (4):72, 1962.
16. Podem ser citados os da:
 - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. *Articulação universidade e escola do 2o. grau*.
 - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Avaliação da reforma universitária no âmbito de uma universidade: a Universidade Federal do Ceará*.
 - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Avaliação e implantação da reforma universitária: convênio MEC/DAU – UFBA*.
17. ABUL MERHIL, N.F. *Op. cit.*, p. 38
18. Id. *ibid.*, p. 37.
19. REIS FILHO, C. dos. *Op. cit.*, p. 207.
20. ARAÚJO, S.F. de. *Op. cit.*, p. 49.
21. SEMINÁRIO SOBRE ENSINO DE CIÊNCIAS BÁSICAS, Fortaleza, 18-20 set., 1980; Fortaleza Universidade Federal do Ceará, 1980. (Mimeografado).
22. CESAR, Z.T.R. et alii. *Op. cit.*
23. ABUL MERHIL, N.F. *Op. cit.*, p. 35.
24. MARQUES, J. O ensino de graduação em busca de flexibilidade e realismo. In: BRASIL. Congresso. Senado Federal. Comissão e Cultura. *Projeto Educação*. Brasília, 1979. t. 4.
25. ABUL MERHIL, N.F. *Op. cit.*, p. 34.
26. SOUZA, E.M. de. *O ciclo básico e a qualidade de ensino*. Vitória. Universidade Federal do Espírito Santo, 1976. (Mimeografado).
27. ABUL MERHIL, N.F. *Op. cit.*, p. 41.
28. BARBANTE, E.M.P. *Estudo de um inventário de interesses no contexto universitário de Londrina*. Campinas, 1980. Tese (Mestr.) Fac. Educ. Univ. de Campinas.
29. ABUL MERHIL, N.F. *Op. cit.*, p. 43.
30. ARAGÃO, R.M. de. O ciclo básico dos cursos universitários. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, 53(118):81-202, abr./juh. 1970.
31. AZEVEDO, F. *A cultura brasileira*. 2.ed. São Paulo. Ed. Nacional, 1944.
32. BERBERT, A.A. *Ensino médio: o ciclo básico e ciclo profissionalizante*. Londrina, 1980 (Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior. Univ. Est. Londrina).
33. BLOOM, B. et alii. *Handbook on formative and summative evaluation of student learning*. New York, MacGraw-Hill Book, 1971.
34. CASTELO, J.M.A. *O papel do professor das disciplinas comuns do primeiro ciclo de ciências humanas e educação da PUC, na concepção dos alunos*. São Paulo 1975.
35. CONSELHO DE REITORES DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS. Integração da universidade com o ensino de 1o. e 2o. graus. In: REUNIÃO PLENÁRIA, 31, São Luís, 23-25 jul. 1980.
36. CUNHA, L.A.R. A expansão do ensino superior: causas e

- consequências. *Debate e crítica*, São Paulo, (5):52-93, 1975.
37. FERNANDES, F. *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo, Alfa-Omega, 1975.
38. GARCIA, W.E. *Educação brasileira: organização e funcionamento*. São Paulo, MacGraw-Hill do Brasil, 1976.
39. GRUPO DE TRABALHO CRIADO PELO DECRETO No. 62-937/63. *Reforma universitária: relatório...* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. IBGE, 118p.
40. HOLANDA, S.B. de *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974.
41. PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. *Plano acadêmico do primeiro ciclo de ciências humanas e educação*. São Paulo, s.d.
42. PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO *Implantação do primeiro ciclo na Universidade Federal do Ceará: uma avaliação junto ao aluno*. Rio de Janeiro, 1974. (Mimeografado).
43. SAVIANI, D. & REIS FILHO, C. *Subsídios para fundamentação da estrutura curricular da PUC-SP, para a comissão geral de currículo, 1972*. São Paulo, PUC, s.d.
44. SEMINÁRIO DE ASSUNTOS UNIVERSITÁRIOS, 9, Brasília, 4-5 maio 1976. Brasília, Conselho Federal de Educação, 1976.
45. SILVA, G.B. *A educação secundária*. São Paulo, Ed. Nacional, 1969.
46. UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. *Estatuto*. Curitiba, 1978.
47. ---. *Regimento geral*. Curitiba, 1979.
48. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Coordenadoria de Assuntos Educacionais. *Catálogo geral*. Londrina, 1977.
49. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. *Estatutos*. Maringá.
50. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. *Catálogo geral*. Ponta Grossa, 1978.
51. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. *Estatuto e regimento geral*. Curitiba, 1974.